

EDITORIAL

MOMENTO DE REFLEXÃO: PENSAMENTO HABERMASIANO E ADMINISTRAÇÃO

RICARDO LEBBOS FAVORETO

Doutor em Administração, Universidade Nove de Julho – UNINOVE, Brasil.
Professor da Universidade Estadual de Londrina – UEL, Brasil.
ricardo.favoreto@hotmail.com

ARNALDO JOSÉ FRANÇA MAZZEI NOGUEIRA

Doutor em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Brasil.
Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP e da Universidade de São Paulo – USP, Brasil.
ajnogueira@pucsp.br

CLODOMIRO JOSÉ BANNWART JUNIOR

Doutor em Filosofia, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Brasil.
Professor da Universidade Estadual de Londrina – UEL, Brasil.
cbannwart@hotmail.com

Presumindo-se identidade entre autor e obra, “quem é Jürgen Habermas?” não mais consiste em questão inexplorada. A discussão de seus textos remonta a mais de meio século de produções que impactaram amplamente o pensamento contemporâneo. Premiações várias, como o Leibniz de 1986 e o Kyoto de 2004, reconheceram publicamente a estatura do pensador. “Técnica e ciência como ‘ideologia’” (Habermas, 1968), “Teoria do agir comunicativo” (Habermas, 1981a, 1981b), “A inclusão do outro” (Habermas, 1996) integram a extensa lista de obras que levaram o debate filosófico moderno a campos variados do conhecimento, neles incutindo doses intensas de reverberação crítica. A profusão do pensamento habermasiano é favorecida pela longevidade da carreira do autor, cuja duração coincide com a maior parte dos seus atuais 89 anos.

Na obra habermasiana, encontram-se teorias diversas. Racionalidade, Direito, evolução social e tantas outras matérias instigaram o pensamento de Habermas. Seu projeto mais conhecido (é possível que também o mais relevante) é aquele que se inicia com “Técnica e ciência como ‘ideologia’” (Habermas, 1968) e culmina, pouco mais de uma década depois, em “Teoria do agir comunicativo” (Habermas, 1981a, 1981b). Nele, Habermas veicula o intento de reabilitar a razão prática, obstaculizada na modernidade por bloqueios de ordem teórica e de ordem empírica. O propósito dessa empresa é a emancipação; o embaraço fático contra o qual se volta, a alienação. Engajado na tradição crítica, Habermas procura, na mesma realidade na qual identifica os entraves, potencialidades das quais podem germinar as superações necessárias. Faz-se lembrar o filósofo como representante da segunda geração da Escola de Frankfurt. Especialmente após a publicação de “Teoria do agir comunicativo”, o pensamento habermasiano espraiou-se copiosamente e suas influências foram acolhidas por campos diversos do conhecimento. Foi o que sucedeu com a Administração – embora (vale atentar) de modo muito mais tímido que outros campos, a exemplo do Direito.

Muitas das primeiras referências à obra habermasiana em veículos da Administração são identificadas apenas na década de 1990. No periódico “Academy of Management Review”, por exemplo, o primeiro artigo data de 1992 (autoria de Alvesson e Willmott). No “Academy of Management Journal”, em varredura dos últimos 45 anos, data de 1993 (autoria de Phillips e Brown). Na literatura nacional, da mesma forma, nos periódicos “Revista de Administração Pública” e

“Revista de Administração de Empresas”, as primeiras publicações datam igualmente do início da década de 1990 (uma de autoria de Freddo, outra de Motta, ambas de 1991). Em geral, o pensamento habermasiano é recepcionado por pesquisas de linhagem crítica da área de estudos organizacionais. Entre as variantes, encontram-se pesquisas das áreas de gestão de pessoas e estratégia, como as contidas em Gutierrez (1999) e Souto-Maior (2012). Apesar de transcorridas mais de duas décadas desses escritos, inseguranças ainda permeiam o terreno em que se opera a aproximação entre o pensamento habermasiano e a Administração.

Lidar com o pensamento habermasiano não incomumente tem sido um exercício acompanhado de alto grau de permissividade. O caráter interdisciplinar da Escola de Frankfurt talvez tenha influenciado a outorga de licenças deveras amplas a pesquisadores. O resultado é a associação das teorias habermasianas de modos muito distintos a objetos muito distintos também. Por um lado, isso o submete a um nível acentuado de debatimento, caminho em princípio necessário para o aprimoramento de qualquer pensamento; por outro, no entanto, seu manuseio torna-se menos rígido, restando sacrificada a ortodoxia inata a um programa teórico da robustez e do requinte do de Habermas. É nesse contexto que reputamos proveitoso inscrever neste espaço, em breves linhas, inspirações básicas para colaborar com as pretensões de emprego do pensamento habermasiano na pesquisa em Administração.

Primeiramente, cumpre considerar a díade que se estabelece na relação entre razão prática e razão teórica. Relembre-se de que o projeto habermasiano é um projeto voltado para a razão – especificamente, para a reabilitação da razão prática. Enquanto esta associa-se à ação humana, à justiça e ao *ethos* constituído por valores, costumes e tradições, a razão teórica associa-se à *physis* (e modernamente, à sua quantificação). Consubstancia-se a primeira na ética e na moral, na política e no Direito; a segunda, na epistemologia. Ambas representam planos fundamentais da existência humana, inafastáveis porque imprescindíveis. Olhando para a modernidade, Habermas constata que se instaurou entre uma e outra um desequilíbrio: a razão prática foi sobrepujada pela teórica – e nisso se manifesta um problema. Elementos próprios da razão prática são discutidos na era moderna qual se pertencessem ao domínio da razão teórica. Duas das consequências mais loquazes residem na aspiração de que a certeza matemática opere como critério de validação do conhecimento engendrado no âmbito da razão prática e na busca irrefreada por objetividade e universalidade de todos os produtos do saber.

A reabilitação da razão prática, na visão habermasiana, demanda a acareação de bloqueios contendedores. Na frente teórica, as desconfianças de Habermas pairam sobre o positivismo e o marxismo; na frente empírica, sobre o totalitarismo que se espalhou pela Europa no século XX e sobre a indústria cultural americana (rememore-se de que Habermas é um pensador pós-segunda guerra). A reabilitação é, portanto, como se nota, uma empreita também de desobstrução. Quais são os entraves que a detêm? É a resposta a essa questão que permite localizar os pontos de obstrução a serem superados caso se almeje alçar a razão prática a outro patamar. O presságio que se combina com a inércia não é animador: a não emancipação (problema *par excellence* da teoria crítica) é a “pena” que se paga por se manter oclusa a razão prática. Isso implica abrir mão da realização de potencialidades inscritas na própria realidade (ou seja, que estão cá), sinal de vida irrealizada. Já se encontra iniciado aqui um segundo ponto para o qual se chama atenção: o modo como a crítica se estrutura na ambiência da teoria crítica, tradição à qual se conglutina a história de Habermas.

Metodologicamente, a exercitação crítica organiza-se em duas vertentes. Em termos sintéticos: i) a efetuação de um diagnóstico por meio do qual se identifiquem os elementos atravancadores da emancipação social e ii) a efetuação de um prognóstico por meio do qual se projete aquilo que poderia ser. Teoria e prática, diferentemente do que nos aponta o uso corrente da linguagem, engajam-se nessa arrumação como componentes complementares, não antagônicos. Empíria e normatividade permeiam essa relação.

Há certamente muitos sentidos de “crítica”, na própria tradição da Teoria Crítica. Mas o sentido fundamental é o de que não é possível mostrar “como as coisas são” senão a partir da perspectiva de “como deveriam ser”: “crítica” significa, antes de mais nada, dizer o que é em vista do que ainda não é mas pode ser. Note-se, portanto, que não se trata de um ponto de vista utópico, no sentido de irrealizável ou inalcançável, mas de enxergar no mundo real as suas potencialidades melhores, de compreender o que é tendo em vista o melhor que ele traz embutido em si. Nesse primeiro sentido, o ponto de vista crítico é aquele que vê o que existe da perspectiva do novo que ainda não nasceu, mas que se encontra em germe no próprio existente (Nobre, 2004, p. 9).

Note-se que não se adota como premissa da transformação a destruição do *status quo*. Distintamente (como já se apontou), na própria realidade em que se buscam os obstáculos buscam-se também potencialidades de que podem germinar as superações necessárias.

Destaque-se, por fim, um ponto de especial relevância no pensamento habermasiano: a distinção entre trabalho e interação. Esse par, que fomenta uma das discussões travadas na obra de 1968 (“Técnica e ciência como ‘ideologia’”), influenciou sobremaneira a obra de Habermas como um todo. É a partir dele que o pensador chega mais tarde às notórias categorias notabilizadas pelas designações “ação comunicativa” e “ação estratégica”, esmiuçadas na obra de 1981. A despeito de já não tão recentes e de bastante debatidas, permanecem elas atuais, compondo um referencial de grande valia para a compreensão do mundo moderno. O sobrepujamento da razão prática faz-se notar na avultação dos sistemas em relação ao mundo da vida. À medida que a comunicação cede lugar à estratégia, mingua o mundo da vida e, com isso, mitigam-se as possibilidades emancipatórias.

Dissertar olhando para o pensamento habermasiano sempre requer certa prudência, principalmente por dois motivos: sua complexidade e sua extensão. Complexo, demanda um estado de atenção redobrada, ainda mais quando se almeja agregá-lo a uma área que não é a zona original de trânsito do pensador, como a Administração. Extenso, impõe a necessidade de recortes que, invariavelmente, deixam de lado questões interessantes. O que se realiza neste espaço é, portanto, um exercício comedido que se crê, todavia, contributivo para a pesquisa interessada. Assinalam-se na sequência algumas considerações que tocam a relação empreendida entre o pensamento habermasiano e a Administração.

Processa-se a Administração no campo da razão prática ou da razão teórica? Para refletir a respeito, avalia-se conveniente considerar que, se por um lado o *mainstream* da Administração pretende-se cada vez mais científico e técnico (utilizando-se para tanto a matematização de fenômenos sociais relacionados às organizações), movimentos antagonistas, por outro lado, têm proliferado carregando formas crescentemente multifárias. Igualmente, convém considerar que é custoso à mente estimar um mesmo status de cientificidade para disciplinas da Administração assaz distintas entre si, como Estudos Organizacionais e Administração da Produção, ambas disciplinas consolidadas. Agora, também custa entender como a Administração pode ser tão científica quanto a Química ou a Física. Quando se pensa a Administração com o auxílio da diáde da racionalidade, fica-se com a sensação de que seus contornos talvez sejam fluidos demais para garantir um grau de coesão superior àquele conferido pela unicidade do objeto seu, as organizações.

Outro quesito importante diz respeito ao entorno em que se dá a inserção do pensamento habermasiano na Administração. Como se destacou, sua recepção acontece, geralmente, por pesquisas críticas. Importa recordar, então, que, diferentemente dos referenciais de parcela significativa das pesquisas de linhagem crítica, o projeto habermasiano prevê a possibilidade de emancipação social. Mantém diante de si um projeto de modernidade inacabado, com potencial de efetivação. A Administração (mencionando-se já o ponto próximo) pode concorrer para tanto. O método crítico desenrola-se, como se apontou, por meio de diagnóstico e prognóstico, o que, seguindo-se a tradição frankfurtiana, procede-se multidisciplinarmente. O conhecimento gerado na

Administração é não apenas útil como também fundamental para a compreensão da realidade moderna, notadamente porque dela não é possível excluir o mercado nem as organizações. No mercado, aliás, veem-se assentadas características fundamentais dos sistemas. Organizações são partes suas.

A crítica (outro ponto), na medida em que descreve o que é com base no que poderia ser, permite uma visão antinaturalizada da empresa e da Administração. Nem uma nem outra são fatos naturais. Trata-se de construções históricas. Produzir por intermédio da empresa é uma opção que, a propósito, é muito mais recente que a necessidade de reprodução material da sociedade. E a forma como se administram empresas é reflexo, em grande medida, do sistema econômico capitalista (um sistema, não o único). Complementarmente, o agir comunicativo habermasiano incrementa a possibilidade de conceber a empresa (e as organizações em geral) como produto de diálogos no qual tomem parte os diversos interessados. Não se olvida, no entanto, que o pensamento habermasiano, embora crítico, tem caráter conciliador. Ou seja (último ponto): talvez não se encontre nele uma estrutura que ampare movimentos radicais “antiorganização” ou “antiadministração”, mas pode-se ter nele um aparato valoroso para o caso de se pretender pensar como, com a organização (cuja simples existência reclama gerenciamento, administração), ampliar as perspectivas de emancipação. Em se tratando de Habermas, frise-se porém o “talvez”. Sua obra nunca para de nos propiciar releituras.

BIBLIOGRAFIA

Alvesson, M., & Willmott, H. (1992). On the idea of emancipation in management and organization studies. *The Academy of Management Review*, 17(3), 432-464.

Freddo, A. C. (1991). O discurso gerencial como lógica da dominação na organização. *Revista de Administração Pública*, 25(2), 73-85.

Gutierrez, G. (1999). *Gestão comunicativa: Maximizando criatividade e racionalidade – uma política de recursos humanos a partir da teoria de Habermas*. Rio de Janeiro: Qualitymark.

Habermas, J. (1968). *Technik und Wissenschaft als 'Ideologie'*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.

Habermas, J. (1981). *Theorie des Kommunikativen Handelns. Handlungsrationalität und gesellschaftliche Rationalisierung*. Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Habermas, J. (1981). *Theorie des Kommunikativen Handelns. Zur Kritik der funktionalistischen Vernunft*. Band 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Habermas, J. (1996). *Die Einbeziehung des Anderen: Studien zur politischen Theorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.

Motta, F. C. P. (1991). The theory of communicative action. *Revista de Administração de Empresas*, 31(4), 108.

Nobre, M. S. (2004). *A teoria crítica*. Rio de Janeiro: Zahar.

Phillips, N., & Brown, J. L. (1993). Analyzing communication in and around organizations: A critical hermeneutic approach. *Academy of Management Journal*, 36(6), 1547-1576.

Souto-Maior, J. (2012). *Planeação estratégica e comunicativa*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.